



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

MUDAM-SE OS TEMPOS... NOVOS LEITORES PELO CAMINHO... E O ENCANTAMENTO DA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS PERMANECE

Natana Fussinger, URI

Alessandra Tiburski Fink, URI

Elisiane Andreia Lippi, URI

Resumo

O presente artigo: Mudam-se os tempos... Novos leitores... E o encantamento da arte de contar histórias permanece vêm se construindo através do projeto de extensão Contação de Histórias: arte, magia e encantamento, que objetiva conhecer como a contação de histórias pode contribuir para a formação das crianças enquanto leitor crítico. Busca-se ainda, aprofundar os conhecimentos em torno da formação do leitor e a arte de contar histórias para as crianças da educação infantil e dos anos iniciais, promovendo melhorias no que diz respeito ao interesse das crianças desta faixa etária pela literatura infantil. Ainda, o projeto de extensão de cunho qualitativo vem auxiliando as atividades realizadas pelo grupo de contação de histórias do Curso de Pedagogia da URI - Campus de Frederico Westphalen – RS, aprofundando os conhecimentos em torno da arte de contar histórias, bem como elaborando os protocolos de práticas realizadas pelo grupo nas instituições de ensino.

Palavras-chave: Literatura Infantil - Contação de Histórias - Formação do Leitor.

INTRODUÇÃO:

Devido às constantes mudanças que vêm ocorrendo no campo educacional e a grande preocupação em formar o aluno integralmente, ou seja, um indivíduo preparado para a vida, autônomo, crítico e consciente do seu papel enquanto cidadão surgiu a necessidade de elaborar um projeto de extensão que contemplasse as questões que envolvem a formação do leitor e o desenvolvimento do gosto pela leitura e que buscasse conhecer como a contação de histórias pode possibilitar uma aprendizagem prazerosa, interessante e gratificante para a criança, bem como um espaço para que ela permita-se brincar, fantasiar e divertir-se com o mundo mágico da leitura.

A partir dessa ideia, o Projeto de Extensão “Contação de histórias: arte, magia e encantamento”, busca conhecer como a contação de histórias pode contribuir para o processo de construção do conhecimento, bem como a formação desse indivíduo enquanto leitor crítico. Sendo assim, o Grupo de Contação de Histórias do Curso de Pedagogia da URI Campus de Frederico Westphalen, através do Projeto de Extensão aqui referido, que apresenta



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

uma metodologia de pesquisa de cunho qualitativo, faz uso dos resultados teóricos e práticos aprofundando os conhecimentos em torno da arte de contar histórias, trazendo para a função do bolsista dessa prática de extensão ser o suporte para a efetiva consolidação deste grupo já existente, fazendo com que o mesmo se caracterize como um espaço para aprender, destinado ao estudo, à descoberta, à construção e à melhor formação docente do bolsista e das demais participantes do grupo, já que interagem diretamente com o público infantil.

Com o olhar aguçado e apaixonante, o Grupo de Contação de Histórias do Curso de Pedagogia da URI – Campus de Frederico Westphalen em seus 4 anos e meio de atividades já ofertou cerca de 70 momentos de contação realizados no município e região, atendendo aproximadamente mais de 10.000 crianças e adultos, com os mais variados temas de protocolos. Este artigo visa mostrar um pouco do que as experiências com o Grupo de Contação de Histórias da Pedagogia da URI – RS juntamente com os estudos teóricos vem delineando nessa área do saber, começando a dizer que a contação de histórias, o ato de declamar poesias, a brincadeira com trava-línguas e cantigas, entre outros, abre espaço para que a criança possa adquirir novos conhecimentos. A cada Era uma vez... Um certo dia... a contação de histórias permite a criança sentir emoções e viajar por mundos conhecidos e desconhecidos e, principalmente, a incentiva a querer ler cada vez mais, tornando-se, no futuro, um leitor crítico.

Considera-se relevante mencionar que este projeto, embora novo, é uma continuidade do projeto de extensão intitulado “A arte de contar histórias: perspectivas teóricas e práticas”, que foi encerrado após dois anos de pesquisas e práticas. Então, tendo em vista a demanda de atividades do grupo através do sucesso das contações de histórias, tornou-se necessária a continuidade deste trabalho por intermédio deste novo projeto extensionista.

DESENVOLVIMENTO:

A formação do leitor crítico atualmente se faz muito presente no que tange as discussões relacionadas à educação de qualidade, pois estamos vivendo um novo tempo, um tempo de avanços tecnológicos e midiáticos, de sujeitos que já nascem mergulhados em um ciberespaço. Aspectos esses que apontam muitas vezes nos estudos e discussões da área, um



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDE DOS SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

certo receio de que a literatura infantil possa estar perdendo espaço para essas novas culturas e avanços e com isso a contação de histórias também.

Importante aqui também trazer à tona a questão de que um novo leitor vem se construindo, não só o leitor de livros e textos, mas um leitor navegador, que tem colocado novos desafios para a escola e para quem se propõem a trabalhar com a área da formação do leitor. É nesse cenário, que trazemos a arte de contar histórias, que ao contrário do que possa parecer, vem ganhando força nos tempos atuais, com um novo jeito, novas roupagens, dinâmicas e recursos, vem ocupando espaços em escolas, eventos, feiras, congressos entre outros. Para Busatto (2011) os contadores de histórias contemporâneos se manifestam de várias maneiras, com recursos variados, com roupas coloridas e o momento da contação se torna muitas vezes uma espécie de espetáculo.

Eles chegam de todas as partes: Norte, Sul, Leste, Oeste. Vêm vestidos de vermelho, azul e amarelo; fitas coloridas penduradas pelo corpo; vêm com jeito de palhaço ou de princesa; outros vestidos de si próprios. Alguns trazem consigo instrumentos sonoros, músicos e cantores; outros são eles próprios músicos e cantores; alguns portam malas, bonecos, fantoches, panos, chapéus, tapetes, bonés, caixas de fósforos, mímica, humor; outros nada trazem, apenas vão chegando, contando, cantando, deixando leitura, múltiplas leituras aos seus ouvintes hipnotizados. Eles estão por toda parte: escolas, bibliotecas, creches, asilos de idosos, abrigos de crianças, de jovens, hospitais, feiras, congressos. Organizam-se em encontros, festivais, associações e rodas. Fundam espaços, ministram cursos, mantêm páginas da web, fórum de discussão virtual e cobram, muitas vezes, altos preços pela sua atuação. Eles são contadores de histórias do século XIX. Estão presentes nos quatro cantos do mundo. (BUSATTO, 2011, p. 26)

Então, partindo dessa perspectiva, consideramos que discutir e aprofundar os conhecimentos dessa arte milenar e que vem renascendo a cada época, também é atual e relevante, pois quando a criança é apresentada por meio das práticas de contação de histórias, ao mundo das palavras através da literatura infantil e da maneira expressiva de contar histórias, de forma lúdica e prazerosa, participando do texto, da história, sentindo emoções, transportando-se para o mundo imaginário, sem distanciar-se do real, esta com certeza encontra sentido para as palavras, passando a ver que a leitura é mais do que ler um amontoado de palavras, é magia, é prazer, fantasia e realidade. (FINK, 2001, p. 17)

Quanto a isso, Abramovich (2001, p. 24) expõe que:

Ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que a história provoca... (desde que seja boa). Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz.

Além de um momento de prazer, divertimento e ludicidade, a contação de histórias também é um momento de aprendizagem, uma vez que, quando a criança ouve uma história ela é capaz de perceber que esta possui início, meio e fim, o que a auxiliará mais tarde a elaborar um texto em suas estruturas. Além disso, o desenho, o teatro, a escrita, a criatividade, etc. podem nascer da audição de uma história bem contada.

Fazendo referência aos aparatos literários, é essencial que estes sejam utilizados de forma lúdica e atrativa. O Grupo de Contação de Histórias do Curso de Pedagogia da URI/FW é muito elogiado neste quesito pela forma como conduz o seu planejamento e sua apresentação, nos quais são envolvidos vários elementos, que vão além das histórias, abrangendo também cantigas, brincadeiras, poesias, adivinhas, quadrinhas, trava-línguas e muitos outros subsídios que a Literatura Infantil oferece. Tudo isso é apresentado de uma forma lúdico-interativa, organizada dentro de um protocolo interdisciplinar, utilizando-se de vários recursos.

Outra característica fundamental do Grupo é a caracterização dos contadores de histórias, os quais são caprichosamente vestidos com macacões coloridos e bonés bordados com lantejoulas. Além disso, ele dispõe de fantasias que caracterizam e dão vida a personagens de histórias infantis, tais como: o Chapeleiro Maluco e a Alice da história “Alice no país das maravilhas”, a Branca de Neve, a Cinderela, o Lobo Mau, o Pinóquio, a Emília do Sítio do Pica-pau Amarelo, a Fada, Viviana, a Rainha do Pijama, a Dorothy da história “O Mágico de Óz”, a Professora Maluquinha, do autor Ziraldo, entre outros.

Com essas vestimentas e revestidos do mais puro encantamento pela arte de contar histórias, o grupo foi atendendo às demandas das escolas e eventos regionais, contemplando, também, em várias oportunidades, o público infanto-juvenil e adulto, embora seu foco seja a Educação Infantil e os Anos Iniciais. As atividades realizadas pelo grupo partem do pressuposto de que as crianças e adultos merecem deleitar-se com o prazer e a magia que as



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

belas histórias podem proporcionar. Momentos como esse que aguçam sua curiosidade e o gosto pela leitura.

O Grupo de Contação de Histórias possui um perfil de contar histórias totalmente original, em que foram envolvidas, desde histórias infantis até brincadeiras, cantigas, poesias, quadrinhas, adivinhas e tudo o mais que a literatura infantil possibilita.

Para comprovar esta afirmação, descreve-se aqui o planejamento para contar histórias, nomeado “Protocolo a menina das borboletas”. O momento de contação de histórias se inicia com a poesia “Aquarela bela” de um autor desconhecido. Esta poesia, que fala sobre jardins, é declamada e também ilustrada com elementos construídos em E.V.A. que são colados pelos contadores de histórias em um painel azul de feltro.

Depois de ser declamada a poesia, um dos contadores conta a história “Romeu e Julieta” de Ruth Rocha utilizando o recurso da televisão didática. Em seguida, fazendo referência aos personagens da história, as crianças são convidadas a participar da cantiga popular “Borboletinha”. Para fazer relação com a borboletinha expressada na música, utiliza-se o recurso da história seriada confeccionada com E.V.A. para contar a história “A menina das borboletas” de Roberto Caldas.

Dando seguimento ao protocolo, as crianças são convidadas novamente a cantar para realizarem a brincadeira “Onde está a margarida?”. Nesta brincadeira, é colado na parede um cartaz com o desenho de apenas o caule e as folhas de uma margarida. Os contadores pedem para as crianças se a margarida do cartaz está completa e, ao receber a resposta negativa, questionam onde poderia estar a margarida. Neste momento, apresenta-se às crianças uma caixa colorida com as pétalas dentro, mas enfatiza-se que para encontrar a margarida é necessário que cantemos uma música. Então, as crianças e os contadores de história cantam o refrão “Onde está a margarida, olê, olê, olá, onde está a margarida olê, seus cavaleiros!”. Ao terminar o refrão, convida-se uma criança da plateia para tirar uma pétala de dentro da caixa. No verso de cada pétala, encontra-se uma tarefa que pode ser uma adivinha, uma quadrinha, uma cantiga ou um trava-línguas, para que a criança que tirou possa realizar. Se cumprir a tarefa com sucesso, ela pode colar a pétala no cartaz, preenchendo a lacuna que falta no desenho da margarida. A brincadeira tem a mesma sequência até a margarida estar completa com todas as suas pétalas. Ao finalizá-la, pergunta-se às crianças: “E agora, quem apareceu?”



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

e, ao receber a resposta de que foi a margarida que procurávamos, elas são convidadas a repetir o refrão de uma maneira diferente, cantando: “Apareceu a margarida olê, olê, olá, apareceu a margarida olê, seus cavaleiros!”.

Na sequência, um dos contadores de histórias propõe às crianças que todos procurem a amiga borboletinha que está perdida na floresta através de uma narrativa em que as crianças participam das ações. Durante a história, através da imaginação, a criança passa por pontes, por milharais, nada em um lago, sobe em árvores, encontra a casa da borboletinha que está muito escura e levam um tremendo susto ao perceber, através do tato, que quem eles encontraram na caverna escura não foi a borboletinha, mas sim a sua mãe. Nisto, passam novamente por todo o caminho, porém rapidamente para escapar da mãe da borboletinha que, em seu imaginário, está os perseguindo.

Continuando o momento de contação de histórias, um contador declama a poesia “Borboletas” da autoria de Vinícius de Moraes, utilizando para isso o recurso de borboletas em E.V.A. nas cores brancas, azuis, amarelas e pretas.

Ainda prosseguindo com a descrição do protocolo, em um oitavo momento, os contadores convidam as crianças para ouvirem mais uma história: “As flores da primavera” do autor Ziraldo. Esta história é contada a partir de um fantoche do Bichinho da maçã encontrado no livro original da história. Este personagem foi nomeado como Bichim, então, para que ele apareça por detrás do painel (o mesmo em que foram colados os elementos da primeira poesia do protocolo) e conte a sua história, as crianças precisam ajudar a chama-lo. Quando aparece, começa a contar a história e, no decorrer da mesma, as contadoras vão colando no painel as flores que aparecem na história. Ao final, uma contadora pede se o jardim do Bichim ficou bonito e solicita ajuda da plateia para plantar flores em um outro jardim confeccionado com uma caixa e encapado com papel verde, para realizar a brincadeira do “Jardim das poesias”. Esta brincadeira é posta em prática da seguinte maneira: existem várias borboletas que gostam de passear entre as flores, mas não tem flores para que elas possam fazer o seu passeio. Então, as crianças são chamadas uma a uma para escolher uma borboleta onde, atrás desta, tem tarefas para cumprir. Se cumprir a tarefa conforme foi solicitada, a criança tem o direito de “plantar” uma flor no jardim das poesias. Ao ser



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

plantada, um contador declama a poesia que está no miolo da flor e encerra a participação da criança. A brincadeira decorre desta forma até todo o jardim estar completo.

Para a despedida do grupo, foi criada uma paródia baseada na música “Borboleta” da cantora Marisa Monte. A paródia é assim: “Borboleta pequenina saia fora do jardim, venha ver quanta alegria e dê um tchauzinho para mim”. Cantando, os contadores de histórias se despedem do público e saem do ambiente.

Quanto a contar histórias e fazer interações em grupo, Sisto (2012, p. 63) argumenta que:

Para quem está ouvindo, é sempre superbenéfico ouvir histórias em diferentes vozes, com maneiras diferentes de quem conta, com ritmos diferentes, com expressões gestuais de plasticidades diferentes, o que renova a atenção da plateia e mantém a dinâmica de uma apresentação.

O contador de histórias deve deixar que as crianças imaginem a história partindo do seu mundo de fantasias e encantamentos, fazendo com que ela interaja mais de perto com o enredo e se interesse mais por ele.

Neste sentido, a escolha do enredo que será contado é muito importante para que a prática de contar histórias seja um sucesso. Quando se refere à escolha da história, aquele que conta deve estar sempre atento à faixa etária do público ouvinte, bem como saber identificar em qual fase do leitor que a criança se encontra, para melhor adequar a história ou as histórias ao gosto do ouvinte.

O momento de escolher uma história pra contar é muito importante. Critério indispensável é o que leva em conta a qualidade literária (o trabalho com a linguagem escrita) do texto que vai ser contado. Então, abrir espaço para o lúdico, para o humor, sem deixar de observar a força e a coerência dos personagens, atentar para a magia e a fantasia ou o real entremeando os diálogos fluidos e ricos. É sempre bem-vinda a sugestão poética perpassando o texto e tocando a sensibilidade do ouvinte! (SISTO, 2012, P. 25).

Na escolha da história, devem-se observar alguns aspectos importantes antes de ocorrer à prática da contação de histórias. O primeiro aspecto a ser considerado na escolha de uma história é a motivação do contador em contá-la, pois não há como mostrar ao ouvinte amor pelas histórias se não transmitir isso através do sentimento que tem ao contar. Outro aspecto a ser observado é a adequação da história à faixa etária de quem ouve e, para que isto



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

seja possível, o contador deve saber qual será o seu público no momento em que irá preparar-se para contar a história. Deve ser considerado, ainda, qual é a mensagem que se quer passar ao contar determinado enredo. A credibilidade é mais um aspecto importante, pois quando se conta uma história é necessário que o ouvinte acredite que ela realmente aconteceu, seja com o próprio contador ou que ele tenha sido testemunha ocular do ocorrido.

Ainda, quando se fala em uma contação de histórias que seja atraente para a criança, fala-se também da escolha de recursos para contar. A narração de uma história poderá ter diversas técnicas como suporte, cada qual se constituindo em um novo olhar para a história ampliando o mundo imaginário da criança. Para isso, muitos são os recursos que podem ser utilizados pelo contador, como por exemplo: livro, cineminha, história seriada, flanelógrafo, fantoches, teatro de sombras, marionetes, interação com a narração, dedoches, objeto concreto referente à história, fantasia de uma personagem da história, dentre outros.

Além destes recursos, existem muitos outros que podem ser utilizados e que podem, ainda, serem criados pelo próprio contador de histórias que irá utilizá-los. Com esses materiais em mãos e muita dedicação, essa arte maravilhosa de contar histórias pode e deve ser bem explorada pela pessoa que conta.

RESULTADOS:

A dinâmica entre os contadores diante do público infantil deve acontecer de maneira uniforme. Para que isso possa ser possível, é necessário que haja muito ensaio entre o grupo, preparação teórica no que se refere ao ato de contar histórias, ter domínio do conteúdo da parte que vai apresentar, escolher o que se sente mais seguro em realizar, seja contando uma história ou conduzindo uma brincadeira, o que vem se percebendo ao longo das práticas realizadas pelo Grupo de Contação de Histórias aqui descrito.

É importante ressaltar aqui, que mesmo sendo crianças que vivem numa sociedade com inúmeros estímulos tecnológicos e midiáticos como já mencionamos no início desse estudo, é nítida a reação de tristeza das crianças quando se anuncia o término de um protocolo



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

de contação de histórias. Esse tem sido um ponto marcante de nossas experiências, pois contamos histórias, brincamos com elas, cantamos, usamos recursos literários, simplistas, se comparados aos meios televisivos e tecnológicos e mesmo assim somos presenteados com plateias grandes, entusiasmadas e vibrantes com as histórias que ali vão ganhando vida. Esse também tem sido um ponto de reflexão teórica, pois evidencia a importância do contador de histórias preparar-se para desenvolver a contação de histórias e possibilitar com ela momentos em que as crianças possam divertir-se, fantasiar, imaginar, descobrir palavras novas, deparar-se com os vários tons e alterações de voz que há durante a prática, objetivando estimular o interesse da criança pela leitura e buscando qualificar a formação dela enquanto leitor e admirador de uma história bem contada.

Em relação à contação de histórias relembro as palavras de Ramos (2011, p. 28):

As palavras proferidas pelo autor são como as linhas desenhadas pelo ar. Enquanto o contador liberta as palavras presas no texto, o ouvinte, leitor indireto do texto narrado, vai criando e interpretando os desenhos, adentrando-se em um mundo mágico e tornando-se co-autor da história.

Ainda convém lembrar que no decorrer das atividades deste projeto de extensão foram construídos vários materiais utilizados para contar histórias, entre eles estão: histórias ilustradas em E.V.A., livros seriados, TV pedagógica, flanelógrafos, palitoches, histórias e materiais ilustrativos em tecido, pinturas, coletânea de músicas infantis que contemplem os temas das histórias, quadrinhas, adivinhas e trava-línguas em cartões, caixas surpresas, fantasias, macacões e bonés pensados e bordados especialmente para o Grupo utilizar nos momentos de contação de histórias.

Abramovich (2001, p.24) aponta que “Ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores [...]”. Neste sentido, a escolha do enredo que será contado é muito importante para que a prática de contar histórias seja um sucesso. E que, além de um momento de prazer, divertimento e ludicidade, a contação de histórias seja também um momento de aprendizagem.

Para que o encantamento com a arte de contar histórias aconteça, o contador deve ter alguns cuidados essenciais, tais como: transpor sentimento, ter expressividade, segurança no que conta, cuidar com a tonalidade da voz, ter habilidade de improviso, observar o clima, o local, a luminosidade, o ritmo da história e marcar o clímax, ficar atento aos vícios de



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

linguagem, às pausas e ao silêncio na hora de contar histórias, ceder espaço para que a criança participe e prestar atenção na escolha dos recursos que irá utilizar.

Existem muitas estratégias, individuais e coletivas, no trabalho com a literatura, no entanto, o uso desse recurso deve possibilitar atividades que envolvam a participação, o movimento, a música, o riso o lúdico e a atribuição de novos sentidos [...] (RAMOS, 2011, p.35)

Portanto, quando se fala em uma contação de histórias que seja atraente e que envolva a participação da criança, fala-se também da escolha de recursos para contar. A narração de uma história poderá ter diversas técnicas como suporte, cada qual se constituindo em um novo olhar para a história ampliando o mundo imaginário da criança.

CONCLUSÃO:

Na realização dos objetivos propostos, pontua-se que os estudos e práticas realizadas mostram que a presença da leitura na formação da criança é essencial e a contação de histórias, o ato de declamar poesias, a brincadeira com trava-línguas e cantigas, entre outros, abre espaço para que a criança possa adquirir novos conhecimentos, sentir emoções e viajar por mundos conhecidos e desconhecidos e, principalmente, incentiva a criança a querer ler cada vez mais.

No decorrer da pesquisa e aprofundamento teórico do projeto e das práticas de contação de histórias nos permitimos refletir quando Benjamin (1994, p. 197-198) fala que “[...] a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente.” Concluindo que apesar da época em que estamos vivendo, de leitores que já nascem em uma sociedade tecnológica, repleta de estímulos midiáticos, visuais e que o contado deles não é mais apenas como o texto escrito, mas com outros tipos de textos, visualizamos com alegria e entusiasmo que o que Benjamim (1994) anunciava em seus estudos que poderia estar delimitando uma possível extinção da arte narrativa, da arte de contar outra vez e mais uma vez, ao contrário, vem configurando um novo tempo na arte de contar histórias e um novo perfil de contadores de histórias vem se construindo.

Neste sentido, o essencial é assumir realmente o papel de contador de histórias, sem medo, sem inseguranças e, acima de tudo, ser expressivo ao extremo e ter amor pelo que faz,



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

dando à criança o seu testemunho de que ler é algo prazeroso, gostoso, divertido e extremamente encantador.

E, para isso, quem conta tem que criar o clima de envolvimento, de encanto... Saber dar as pausas, o tempo para o imaginário da criança construir seu cenário, visualizar os seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está inventando, pensar na cara do rei e tantas coisas mais. (CORTES, 2006, p. 82)

Por fim, através das práticas realizadas pelo Grupo de Contação de Histórias, pode-se afirmar que os tempos mudaram, os leitores não são mais os mesmos, o processo de formação desse leitor se dá em diferentes espaços e não mais apenas com o texto e o livro impresso, mas que contar histórias continua sendo uma arte e das melhores e mais significativas, que fica marcada tanto para quem conta quanto para quem ouve, principalmente quando a história é boa e capaz de emocionar. Como é gratificante para o contador de histórias perceber o encanto na expressão das crianças, como é perfeito mexer no imaginário delas e observar como isso traz efeitos positivos, transformando o momento lúdico da leitura em uma mistura de aprendizagem e satisfação pela história contada, fazendo deste, um espaço para a apreciação da palavra bem articulada, do vocabulário novo e ainda, um momento de descoberta e realização para a criança.

Avanços tecnológicos e midiáticos, ciberespaços, leitor-navegador? Uma ameaça ao Era uma vez? Ao E viveram felizes para sempre? Pensamos que não, mas novos espaços, novos recursos, que podem se tornar aliados e fonte de estudo, pesquisa para os contadores de histórias da atualidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2001.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BUSATTO, Cléo. **Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2011.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

CORTES, Maria Oliveira. **Literatura Infantil e Contação de Histórias**. Viçosa: CPT, 2006.

FINK, Alessandra Tiburski. **O ensino-aprendizagem e a formação do leitor a partir da literatura infantil**. 2001. Monografia de conclusão de curso (Pedagogia) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Frederico Westphalen, 2001.

RAMOS, Ana Claudia. Contação de histórias: um caminho para a formação dos professores? Disponível em:

http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2011/2011_-_RAMOS_Ana_Claudia.pdf Acesso em: 18 mar. 2014.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed.rev. e ampl. Belo Horizonte: Aletria, 2012.